

Quinta-feira, 20 de Dezembro de 1956

RUBEM BRAGA

VERÃO

20/12/56

O AMIGO que está longe me escreve pedindo notícias de tudo no Brasil, e meu primeiro impulso é responder que não há nada. Na verdade os tempos são chifrins, e as perspectivas são modestas. E' verdade, aí vem o Natal; mas confesso que o Natal me irrita um pouco pelo seu excesso de propaganda mercantil; esse Natal carioca é sobretudo, como se costuma dizer agora, uma «promoção» publicitária; parece que o Menino vai nascer para aumentar as vendas e lucros das grandes lojas da cidade. Além disso há os cartões de boas-festas que só servem para dar remorso nas pessoas como eu, que não usam essas coisas; e o medo de não responder. Afinal, qual é o emprêgo de Papai Noel — «public relation» ou «contact-man»?

De todos os empregos modernos esse, de «public relation», é o que me espanta mais. A função já existia esporadicamente, não tinha era nome. O sujeito era um «conversa fiada» e vivia mais ou menos disso. Hoje vive com dignidade, pois se descobriu que conversa fiada é uma coisa que dá muito dinheiro. Não sou o sujeito; e confesso que se um dia ficar rico também hei de ter um «public relation», um sujeito capaz de fazer por mim o que eu nunca soube: ser gentil, ter uma conversa brilhante, fazer simpatia.

A política, meu caro, está parada. A maioria dos deputados fez uma coisa feia, votou a favor de si mesma para importar automóveis — não Cadillacs, como se diz com certo exagêro — mas automóveis de meio luxo; e vários deputados udenistas entraram com seu voto, porque a questão era aberta.

Agora aparece a questão de Fernando Noronha, onde os americanos querem fazer uma instalação para controlar os projéteis teleguiados. Como sempre, pulam de um lado os entreguistas, para os quais a política internacional é um «dar sem conta»; e de outro lado os nacionalistas (muitos deles de inspiração comunista, que são nacionalistas de mão única) a berrar contra. Esperemos que o governo não se deixe levar por essas opiniões pré-fabricadas e faça o que for melhor para o país.

No mais, a novidade é que as cigarras começaram a cantar. Houve uma que há uns 15 dias atrás, aqui junto de meu telhado, deu um rebate falso; calou-se, depois. Hoje todas cantam unânimes na palidez da tarde; é o bom verão; vivamo-lo.